

AS ELEIÇÕES DE 2004 EM FORTALEZA

Filomeno Moraes

Cientista político, professor da Universidade de Fortaleza – UNIFOR e da Universidade Estadual do Ceará – UECE

Introdução

O estado da arte sobre a política cearense recente apresenta razoável conhecimento sobre os seus processos e as suas estruturas fundamentais. O mesmo não acontece no que concerne à política (inclusive eleições, partidos e subsistema partidário) especificamente de Fortaleza. Portanto, as performances realizadas pelo eleitorado nos dois últimos pleitos – o que, em 2000, reelegeu Juraci Magalhães, e o de 2004, que elegeu Luizianne Lins –, sobretudo a disposição cambiante dos eleitores, causaram surpresas aos analistas.

Durante os anos 1990, as eleições em Fortaleza foram marcadas pela ausência de competitividade e os seus resultados eram anunciados com muita antecedência pelas pesquisas de opinião, com a vitória do fenômeno do *juraciismo* em primeiro turno. Nas eleições de 2000 e 2004, as tendências foram diferentes. Na primeira, Juraci Magalhães teve de disputar o segundo turno, que, pela primeira vez, acontecia nas eleições para a prefeitura de Fortaleza, e, na segunda, Luizianne Lins acabou vitoriosa.

Nas últimas eleições, o juraciismo, o tassismo e o PT (que apoiava a candidatura de Inácio Arruda, baseada na coligação PCdoB e PPS), acabaram por ser derrotados pela dissidente do seu próprio partido Luizianne Lins. Deste modo, quase vinte anos depois, o PT, com uma mulher, novamente era o vitorioso nas eleições para a prefeitura de Fortaleza, com a candidata enfrentando os mais diversos setores do *establishment* político, econômico e social, a força da burocracia do seu próprio partido e as atitudes desencorajadoras do governo federal.

As eleições para prefeito de Fortaleza após a redemocratização e o juraciismo.¹

As duas primeiras eleições em Fortaleza, após a reconquista pelas capitais do direito de escolher os seus prefeitos, foram marcadas por disputas acirradas. Na primeira, em 1985, a vitoriosa foi Maria Luísa Fontenele, então no Partido dos Trabalhadores; na de 1988, ganhou a coligação PMDB-PMB, que tinha em Ciro Gomes e Juraci Magalhães, respectivamente, os candidatos a prefeito e vice-prefeito. Juraci Magalhães que, ao término do mandato recém-conquistado, completou dez anos à frente da Prefeitura, liderou a transformação dos pleitos eleitorais de 1992 e de 1996 em ratificações de vitórias antecipadas pelas pesquisas de opinião.

¹ Cf. Filomeno Moraes, “O juraciismo, ou como a história não terminou em Fortaleza”, *BACP*, nº 23, out./2000, (in: <http://cevep.ufmg.br/bacp>, acesso em 13/11/2000).

Originário do mesmo tronco que levou Tasso Jereissati em 1987 ao governo do Estado, Juraci Magalhães tornou-se vice-prefeito eleito em 1988 e prefeito em 1990, quando Ciro Gomes renunciou à prefeitura para candidatar-se ao governo do Estado. Não acompanhou o realinhamento partidário estadual que fez do PSDB o maior partido político no Estado. Permaneceu no PMDB e liderou o processo que embargou as pretensões do grupo tassista de assumir a prefeitura de Fortaleza nas eleições de 1992 e 1996. Em 1992, após uma administração marcada pela realização de obras viárias e construção de praças, o juraciismo elege, no primeiro turno, seu sucessor, o ex-secretário de Finanças Antônio Cambraia, até então sem militância política. Depois, Cambraia se transferiu para o PSDB.

No decorrer do mandato iniciado em 1997, a popularidade de Juraci Magalhães refluíu e os índices de aprovação decaíram em relação ao seu primeiro governo e ao governo de Antônio Cambraia. Embora marcado pela competitividade, o processo eleitoral de 2000 deu continuidade ao juraciismo, vitorioso também nos de 1992 e 1996, com decisões a favor do secretário municipal das Finanças de Juraci Magalhães no primeiro turno, e do próprio Juraci no segundo. No primeiro mandato, Juraci foi responsável pela realização de obras viárias impactantes em termos de marketing eleitoral. No segundo, durante pelo menos dois anos, desceu a inferno astral político. Teve uma doença grave, uma presidência hostil da Câmara de Vereadores, além da abulia política. No segundo mandato, apresentou-se um quadro tal de dificuldades que se chegou a anunciar o fim do juraciismo e da sua prolongada hegemonia na política fortalezense.

A competitividade retornou em 2000. Três coligações e quatro partidos isolados participam do processo eleitoral, a saber: PMDB/PAN/PL/PST/PMN/PRTB//PSL, PPS/PSDB/PPB/PTB/PSD/PSC/PV, PCdoB/PT/PDT/PSB/PCB, PFL, PHS, PTdoB e PSTU. Quatro candidatos atingiram patamares consideráveis, em ordem decrescente: o próprio Juraci (PMDB), Inácio Arruda (PCdoB), Moroni Torgan (PFL) e Patrícia Gomes (PSDB). O juraciismo já não era mais o mesmo de vitórias no primeiro turno, mas sua história ainda não acabara. Fortaleza manteve a sua opção de contrapor-se ao governo do Estado como o vinha fazendo há tempos. Mas também preferiu os valores da autoridade e da eficiência àqueles propostos por Inácio Arruda, o candidato das esquerdas. Assim, apostou no "não troque o certo pelo duvidoso" e no incrementalismo da política do juraciismo.

De acordo com os dados oficiais, o eleitorado atribuiu, no primeiro turno, 33,08% dos votos a Juraci Magalhães, 30,43% a Inácio Arruda, 18,10% a Moroni Torgan e 17,02% a Patrícia Gomes. Abertas as urnas do segundo turno, Juraci Magalhães resultou reeleito com 512.655 (53,97%) votos contra 437.271 (46,03%) dados a Inácio Arruda. A abstenção alcançou 19,46% da totalidade do eleitorado; os votos em branco somaram 1,38%; e os nulos 1,83% do eleitorado que votou.

A crer nos dados das pesquisas de opinião pré-eleitorais, a base social do voto do candidato reeleito constituiu-se, desta feita, especialmente da periferia, do faminto, do pouco escolarizado, do desempregado. Teve as melhores taxas nos mais velhos, nos menos escolarizados e simpatizantes do PMDB, e as piores entre os jovens (16 a 24 anos) e os de escolaridade de nível superior. Por seu turno, Inácio Arruda teria os melhores índices entre os homens, os mais jovens, os mais escolarizados, e as piores, entre as mulheres, os de mais 45 anos de idade, os com 1º grau. Católicos carismáticos e membros da Igreja Universal do Reino de Deus deram também sustentação ao candidato à reeleição; a classe média, em boa medida, e os funcionários públicos estaduais preferiram Inácio.

Entre o primeiro e o segundo turno, denúncias de uso da máquina pública, com pressão sobre o funcionalismo público para trabalhar em favor do candidato à reeleição, de manipulação dos serviços públicos como forma de cooptação, além da acusação de enriquecimento ilícito dos seus familiares e amigos e dos boatos sobre a recidiva da doença grave que o acometera no início do mandato que se encerrou no dia 31 de dezembro de 2000, deram a tônica – explicitada ou sussurrada – da campanha contra Juraci. As acusações de ateísmo e de volta ao problemático "tempo da Maria Luísa" formaram o bordão contra Inácio Arruda.

No segundo turno, o PSDB adotou oficialmente postura de neutralidade, embora o governador Tasso Jereissati declarasse que a vitória de Juraci seria "menos traumática" para a cidade do que a de Inácio Arruda, em quem via a oposição ao FMI e ao neoliberalismo como algo deletério. De igual modo, as mágoas resultantes da campanha do primeiro turno não trouxeram Patrícia Gomes nem Ciro Gomes para apoiar o candidato das esquerdas. Mas o que fez Juraci para reduzir a sua elevada taxa de rejeição, para sobrepujar o antevisto "clima de certa superação do ciclo Juraci"? Na verdade, durante a campanha para o primeiro turno, Juraci foi pouco importunado pelos seus adversários. Pouco a pouco foram sendo construídas as condições para que ele atingisse a dianteira nas pesquisas de opinião. Dianteira esta, entretanto, não muito distante dos seus adversários. No segundo turno, alguns comportamentos de Inácio Arruda, como alianças com nomes que remetiam a práticas políticas negadoras daquelas que o candidato propunha, falta de determinação para buscar o apoio dos espólios eleitorais de Patrícia Gomes e Moroni Torgan e críticas tardias a Juraci e ao juraciismo podem ser considerados erros estratégicos.

À guisa de síntese do fenômeno do juraciismo, pode-se dizer que, na sua evolução, foi caracterizado pelos seguintes aspectos:

- 1) desempenho administrativo, o que nas duas eleições dos anos 90 lhe deu a vitória; na verdade, o estilo político do prefeito, caracterizado pelo ativismo realizador de grandes obras durante o primeiro mandato, e modestas e fragmentadas no segundo, o apresentaram como detentor do estilo "Juraci faz";
- 2) o estilo pessoal, com certo grau de tolerância, com a característica do político que fala ao povo e que conhece a cidade como ninguém, fizeram de Juraci um líder vitorioso marcado por um modo peculiar de fazer política, e
- 3) perfil fortemente municipal, em princípio sem pretensões nem condições políticas de maior envergadura.

Os resultados do primeiro turno da eleição de 2004

Onze candidatos ao todo, seis em coligação, disputaram o primeiro turno das eleições. A competição pela preferência do 1,36 milhão de eleitores de Fortaleza envolveu 27 partidos, 22 distribuídos por seis coligações e cinco isolados, conforme se vê na Tabela 1.

TABELA 1
CANDIDATOS POR PARTIDO/COLIGAÇÃO

CANDIDATO	PARTIDO/COLIGAÇÃO
Moroni Bing Torgan	Coligação Liberta Fortaleza (PFL/PAN/PTC)
Luizianne Lins	Coligação Fortaleza Amada (PT/PSB)
Inácio Arruda	Coligação Nossa Fortaleza (PCB/PL/PPS/PMN/PRONA/PCdoB)
Antônio Cambraia	Coligação Experiência Comprovada (PP/PTB/PSL/PSDC/PRP/PSDB)
Aloísio Carvalho	Coligação Fortaleza Novo Tempo (PMDB/PTN/PRTB)
Heitor Férrer	PDT
Nielson Queiroz	PSC
Francisco Caminha	Coligação Semeando Fortaleza (PHS/PTdoB)
Marcelo Silva	PV
Valdir Pereira	PSTU
Antônio Vidal	PCO

Fonte: TRE-CE

De acordo com os dados da série de pesquisas de intenção de voto patrocinada pelo DataFolha/*O Povo*, apenas quatro, dos onze candidatos, chegaram às vésperas da eleição com percentual acima de dez por cento, a saber, Antônio Cambraia, Moroni Bing Torgan, Inácio Arruda e Luizianne Lins. Ainda em consonância com tais pesquisas, os três primeiros sempre estiveram no patamar acima de vinte por cento, enquanto Luizianne começou com três e alcançou na última pesquisa dezessete por cento. Aloísio Carvalho, o candidato do prefeito Juracy Magalhães, evoluiu de dois, para cinco e seis, e alcançou oito por cento.

TABELA 2
INTENÇÃO DE VOTO PARA PREFEITO
(%)

CANDIDATOS	20-21/ 07/2004	31/08-01/09/ 2004	23/09/2004	29/09/2004
Antônio Cambraia	21	28	22	24
Moroni Bing Torgan	23	24	21	24
Inácio Arruda	28	23	21	17
Luizianne Lins	3	8	14	15
Aloísio Carvalho	2	5	6	8
Heitor Férrer	3	3	4	3
Francisco Caminha	1	1	1	1
Nielson Queiroz	1	1	1	1
Antônio Vidal	0	0	0	0
Marcelo Silva	0	0	0	1
Valdir Pereira	0	0	0	0
Branco-nulo-nenhum	8	3	4	2
Não sabe	9	5	5	4

Fonte: Datafolha/*O Povo*

De fato, quatro candidatos – Antônio Cambraia, Inácio Arruda e Moroni Bing Torgan – lideraram as intenções de voto durante todo o processo. Luizianne Lins ganhou fôlego na chegada. Afinal, lograram a passagem para o segundo turno, Moroni e Luizianne, com os resultados de todos os candidatos sendo mostrados na Tabela 3.

TABELA 3

CANDIDATOS POR PARTIDO/COLIGAÇÃO E Nº DE VOTOS

CANDIDATO	PARTIDO/COLIGAÇÃO	VOTOS
Moroni Bing Torgan	Coligação: Liberta Fortaleza (PFL/PAN/PTC)	296.063
Luizianne Lins	Coligação: Fortaleza Amada (PT/PSB)	248.215
Inácio Arruda	Coligação: Nossa Fortaleza (PCB/PL/PPS/PMN/PRONA/PCdoB)	214.002
Antônio Cambraia	Coligação: Experiência Comprovada (PP/PTB/PSL/PSDC/PRP/PSDB)	200.407
Aloísio Carvalho	Coligação: Fortaleza Novo Tempo (PMDB/PTN/PRTB)	78.619
Heitor Férrer	PDT	38.753
Nielson Queiroz	PSC	16.194
Francisco Caminha	Coligação: Semeando Fortaleza (PHS/PTdoB)	10.781
Marcelo Silva	PV	5.798
Valdir Pereira	PSTU	2.456
Antônio Vidal	PCO	1.840

Fonte: TRE-CE

Com os resultados favoráveis a Moroni e Luizianne, entre outras, duas perspectivas se desfizeram: por um lado, Aloísio Carvalho, o candidato do prefeito Juracy Magalhães, em nenhum momento foi competitivo; por outro, Antônio Cambraia, que, em determinado momento da campanha, pareceu ser a redenção eleitoral do grupo político que ganha as eleições para o governo do Estado desde 1987, não conseguiu chegar ao segundo.

Os resultados do segundo turno das eleições de 2004

No segundo turno, a competição pela preferência do 1,36 milhão de eleitores de Fortaleza teve como vitoriosa, afinal, a petista Luizianne Lins, eleita prefeita com 620.174 votos, ou seja, 56,21% dos votos válidos. Moroni Bing Torgan teve 438.085 votos. Os votos nulos alcançaram 3,44% e os em branco, 1,15%. Compareceram ao segundo turno 84,90% do eleitorado. Dos votos sufragados, 95,42% foram válidos, o que significa que tanto a alienação eleitoral negativa (abstenções) quanto a alienação eleitoral positiva (votos em branco e nulos) ficaram em percentuais razoavelmente satisfatórios, a última em torno de 4,5%.

Como se viu acima, na Tabela 2, três candidatos tiveram, em todo o processo eleitoral, muita proximidade nas intenções de voto. Quais eram tais candidatos? Vejamos:

- Moroni Bing Torgan (PFL), secretário da Segurança Pública no primeiro governo Tasso Jereissati e, no segundo (1995-1998), vice-governador, transitou do PSDB para o PFL. Deputado federal, ganhou visibilidade nacional como relator da CPI do Narcotráfico. Em 2000, foi o terceiro candidato a Prefeito de Fortaleza mais votado.
- Inácio Arruda (PCdoB), candidato a Prefeito de Fortaleza pela terceira vez. Nas últimas eleições disputou o segundo turno com Juraci Magalhães.

Deputado federal mais votado na capital cearense em 1994 e mais votado no Estado em 1998.

- Antônio Cambraia (PSDB), secretário das Finanças no primeiro mandato de prefeito de Juraci Magalhães. Prefeito de Fortaleza, eleito em 1992. Migrou do PMDB juraciista para o PSDB. Deputado federal eleito em 1998 e 2002.

Para o segundo turno, foram Moroni Bing Torgan e Luizianne Lins. Nas pesquisas de intenções de voto apresentadas na Tabela 2, Moroni teve, 23, 24, 21 e 24%: Luizianne, 03, 08, 14 e 15%, mas foi a vitoriosa.

Dezenove anos depois, a história se repetiu. O Partido dos Trabalhadores, com outra mulher, ganhou a Prefeitura de Fortaleza. Mas quem é Luizianne Lins? Jovem, ex-presidente do Centro Acadêmico do Curso de Comunicação e do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Ceará e do Diretório do PT em Fortaleza. No seu partido, integra a tendência “Democracia Socialista”, a DS. Em 1996, elegeu-se, com cinco mil votos, como a candidata mais votada do seu partido, a primeira vereadora de Fortaleza. Em 2000, reelegeu-se, agora com quase dez mil votos. Em 2002, foi o quarto deputado estadual mais votado no Estado, com cerca de sessenta mil votos, ficando em primeiro entre as mulheres eleitas. No momento da candidatura, presidia a Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa e era titular também da Comissão de Agropecuária e Recursos Hídricos. Na Câmara de Vereadores de Fortaleza, Luizianne foi presidente da Comissão de Educação, Cultura e Desporto e foi presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito da Cagece e relatora das CPIs do Turismo Sexual e das Bolsas de Estudo, e da Comissão Especial das Áreas de Risco. No PT, presidiu o Diretório Municipal de Fortaleza e integrou, pela segunda vez, o Diretório Nacional. Graduada pelo Curso de Comunicação da UFC, é ali professora.

Renegada pelo seu próprio partido, o qual, por conta da racionalidade instrumental das alianças nas diversas unidades federativas, escolhera Inácio Arruda (PCdoB) como o seu candidato preferido para liderar um arco de alianças, a vitória de Luizianne foi nota destoante, se se considerarem os fracassos eleitorais de Marta Suplicy, em São Paulo, e de Raul Pont, em Porto Alegre.

Matérias jornalísticas colhidas do sítio *Noolhar (O Povo)*, todas elas relativas à disputa interna no Partido dos Trabalhadores, em que uns defendiam candidatura própria e outros que queriam coligação com o deputado Inácio Arruda, demonstram a dificuldade que Luizianne teve quando buscava criar consenso em torno de uma candidatura partidária própria e não automaticamente alinhada à decisão nacional. Em uma de tais matérias se lê: “Um clima de campanha marcou ontem a eleição para os delegados do Encontro Municipal do PT que irá definir, no dia 15 de fevereiro, se o partido terá candidatura própria ou se apoiará o nome do deputado federal Inácio Arruda (PCdoB) à Prefeitura de Fortaleza em 2004”. Outra matéria narra que um líder do PT “insinuou que aqueles que defendem a candidatura própria do partido na capital estão contra o governo Lula”. Outra reportagem se denomina “Conheça as chapas” e diz da existência de quatro chapas, sendo a “Chapa 2” encabeçada por Luizianne. “Caso a tese de candidatura própria vença, os vários grupos do PT têm pelo menos cinco dias para apresentar os pré-candidatos do partido à Prefeitura. Isso significa que qualquer tendência ainda poderá apresentar um candidato para concorrer com Luizianne Lins nas prévias do partido. Essa possibilidade foi admitida ontem pelo presidente estadual do partido (...)”. E mais: “Caso ninguém mais se inscreva, a candidatura natural é Luizianne Lins. Ninguém no PT admite publicamente, mas a dúvida é saber se os chamados ‘grupos moderados’ e a Direção Nacional do partido apoiarão a even-

tual candidata ou se abandonarão Luzianne, apostando em Inácio Arruda em um possível segundo turno.” Em outra matéria, “Delegados decidem se partido terá candidato”: “Só a chapa da deputada Luzianne Lins defendia a candidatura própria do PT à Prefeitura de Fortaleza. As três outras defendiam uma coligação com o PCdoB que tem o deputado federal Inácio Arruda como candidato a prefeito (...)”.²

Representante da uma das correntes que se caracterizam pelas críticas à condução da ala majoritária do Partido dos Trabalhadores e do governo, cercada de ongs, do funcionalismo público e de universitários, com promessa de recolher o lixo, limpar a cidade e tapar os seus buracos, em sessenta dias, Luizianne acabou vitoriosa. Em matéria de economia, em linhas gerais, suas propostas de campanha deram ênfase ao associativismo, cooperativismo e economia solidária; fortalecimento do desenvolvimento da infraestrutura local; desoneração da orçamento doméstico; e turismo. Tudo tendo como referências maiores o aumento da sociabilidade e da participação, a geração de renda para os envolvidos nas atividades cooperativas, associativistas e de economia solidária, a ampliação das receitas tributárias, a geração de renda para os segmentos da população excluída do mercado de trabalho de Fortaleza e o esforço para redução das tarifas públicas.

Na campanha para o segundo turno, Moroni e Luizianne tenderam a certa polarização programática: Luizianne oferecendo ao eleitor uma utopia moderada, mas utopia; Moroni acenando com o medo e a promessa de segurança.

A Câmara de Vereadores originária dos resultados eleitorais de 2004

Nas eleições proporcionais estavam envolvidas 41 vagas, disputadas por 925 candidatos, estes distribuídos em 27 partidos políticos, quinze isolados e doze divididos em quatro coligações, conforme mostra a Tabela 4.

TABELA 4
NÚMERO DE CANDIDATOS POR PARTIDO/COLIGAÇÃO

PARTIDO	Nº DE CANDIDATOS
PCO	27
PSB	48
PMDB	26

² Cf. <http://www.noolhar.com.br>.

PT	48
PFL	25
PSDB	30
PSTU	7
PF	52
PTB	49
PP	44
PRP	51
PV	45
PSC	34
PMN	49
PDT	32
PTN/PRTB	62
Semeando Fortaleza (PHS/PTdoB)	74
Por Amor a Fortaleza (PSL/PSDC)	73
PAN-PTC	78
Fortaleza de Todos Nós (PCdoB/PPS/PCB/PRONA)	64

Fonte: TRE-CE

Afinal, dos partidos e coligações em disputa, dezesseis acabaram por eleger candidatos, com o piso de um e o teto de sete vereadores. Como demonstra a Tabela 5, PSB, PRP e PTN/PRTB ficaram, cada partido ou coligação, com um; PFL, PSDB, PP, PMN, PDT e PAN/PTC, com dois; PT, PL e PCdoB/PPS/PCB/PRONA, com três; PHS/PtdoB e PSL/PSDC, com quatro; e PMDB, com sete.

TABELA 5
VEREADORES ELEITOS POR PARTIDOS

PARTIDO	VEREADOR
PSB	1
PMDB	7
PT	3
PFL	2
PSDB	2

PL	3
PP	2
PRP	1
PV	2
PMN	2
PDT	2
PTN/PRTB	1
PHS/ PT do B	4
PSL/PSDC	4
PAN/PTC	2
PCdoB/PPS/ PCB/ PRONA	3

Fonte: TRE-CE

Na verdade, das eleições emergiu uma Câmara de Vereadores com dezesseis partidos e coligações, com o partido majoritário com apenas cerca de quinze por cento. De outra parte, observa-se que o partido da prefeita possui apenas três vereadores. Destarte, parece ser necessária muita engenharia política para obtenção de graus de consenso mínimo para a realização de um programa apresentado na campanha, de extração reformista.

Algumas reflexões

1) Não é temerário vislumbrar a marca do “oposicionismo”³ do eleitorado de Fortaleza em relação ao governo do Estado, tanto nas eleições municipais de 1992 e 1996, quanto na de 1985 e nos resultados decorrentes das disputas para governador na capital ao longo da série histórica de eleições que ocorreram entre 1982 e 1998. Cotejados os resultados obtidos em Fortaleza nas eleições para governador de 1982, 1986, 1990, 1994 e 1998, nas eleições para prefeito de 1985, 1988, 1992 e 1996, está patenteada que, à exceção das eleições de 1986 e 1990 para governador e das eleições de 1988 para prefeito, todas as eleições do período apresentaram resultados desfavoráveis ao candidato do partido do governador de então. Em 1982, o candidato do PMDB foi amplamente majoritário em Fortaleza, embora perdesse nos resultados gerais do Estado para o candidato do PDS, apoiado pelos “coronéis”. A própria eleição de 1986 tem um particular significado oposicionista, pois, embora Tasso Jereissati fosse apoiado pelo então governador Gonzaga Mota, este romperia com o *status quo* político estadual e federal. Por fim, em 1998, em Fortaleza, o candidato à reeleição para o cargo de governador teve menos votos do que o candidato derrotado, como mais uma manifestação daquelas já observadas na série histórica de eleições que começa em 1982, em que, via de regra, a Capital vota contra o candidato apoiado pelo governo estadual.

2. O PSDB, partido hegemônico (na acepção de Giovanni Sartori⁴) no Estado desde os seus primórdios, foi incapaz de lançar candidato competitivo na Capital durante os anos 90.⁵ Em 2002 se apegou à candidatura do PPS, com a cristianização

³ Cf. Filomeno Moraes, “A volta da competitividade eleitoral”, *BACP*, nº 20, jul./2000, (in: <http://cevep.ufmg.br/bacp>, acesso em 1º./8/2000).

⁴ Cf. Giovanni Sartori, *Partidos e sistemas partidários*, Rio de Janeiro: Zahar; Brasília, Ed. UnB, 1988.

⁵ Sobre o a evolução dos subsistemas partidário-eleitoral e partidário-parlamentar do Estado do Ceará, respectivamente, cf. Filomeno Moraes, “Ceará: o subsistema partidário e o retorno ao multipartidarismo”, in: Olavo Brasil de Lima Jr., *O sistema partidário brasileiro: diversidade e tendências, 1982-94*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1997, p. 35-72, e “A produção legislativa da Assembléia do Ceará”, in: Fabiano Santos,

da mesma candidatura por parte, inclusive, de lideranças do PSDB. Teve em 2004 boa performance eleitoral no primeiro turno, mas os votos que recebeu não lhe foram suficientes para ultrapassar tal barreira.

3. Algumas teses sobre a vitória de Luizianne Lins poderão ser objeto de pesquisas e estudos, como, por exemplo: teve um melhor marketólogo; teve mais simpatia da imprensa; no segundo turno, teve a simpatia declarada de Tasso Jereissati, Juraci Magalhães e Ciro Gomes; o eleitorado não decidiu em torno de grandes lideranças, pois os candidatos com “padrinhos” - Cambraia (Tasso Jereissati e Lúcio Alcântara), Aloísio (Juraci Magalhães) e Inácio Arruda (Ciro Gomes e Lula) – não alcançaram, sequer, o segundo turno. Os que concorreram protestando por autonomia – Moroni e Luizianne – chegaram ao segundo turno.

4. As eleições de 2004 vieram confirmar a tendência à competitividade, iniciada em 2000. De fato, o padrão de consenso recorrente nas eleições dos anos 90, tanto na Capital quanto no âmbito estadual, não é mais o mesmo. O juraciismo terminou?

5. O problema de não pequena monta diz respeito a como a chefia do Executivo vai administrar o “presidencialismo de coalizão” municipal e adquirir governabilidade, com uma Câmara de Vereadores com índices de grande fragmentação partidária.

6. Como reflexão mais geral, lembrem-se Maquiavel e Joaquim Nabuco. O primeiro, quando, no capítulo XXV de *O Príncipe*, observa que, na política, “é melhor ser impetuoso do que tímido”.⁶ Luizianne ousou e... foi vitoriosa. Mas Maquiavel aduzia que a política é também fortuna, é o dado. E o conjunto de problemas e dificuldades que a nova prefeita recebeu são, no mínimo, desafiadores. Por sua vez, Joaquim Nabuco já anotava que a fatalidade das revoluções é que, se não se fazem sem os radicais, com eles é impossível governar.⁷ O programa de Luizianne Lins trazido à luz durante a campanha pode ser inscrito como pertencente ao reformismo social-democrata, mas, mesmo sem radicalismos, tem muitas dificuldades de ser implementado, por um conjunto de razões de ordem econômica, administrativa e política.

Referências

O Poder Legislativo nos Estados: diversidade e convergência. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001, p. 189-218. Sobre a política cearense recente, cf., entre outros, Anthony Giddens, *A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia*, São Paulo: Record, 1999; Filomeno Moraes, “Os resultados eleitorais no Ceará: competitividade, continuidade e mudança”, in: OBSERVANORDESTE – Fundação Joaquim Nabuco, *Eleições 2002: Continuidade e Mudança*, Recife-PE: OBSERVANORDESTE - Fundação Joaquim Nabuco, 2003 (<http://www.fundaj.br/observanordeste>); Jawdat Abu-el-Haj, “Conciliação e rompimentos políticos no Ceará”, *BACP*, nº 31, nov./2001, (<http://cevep.ufmg.br/bacp>), Washington Bonfim, *Qual mudança? Os empresários e americanização do Ceará*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tese de Doutorado apresentada ao IUPERJ, 1999, e “Reforma do Estado e desenvolvimento econômico e social no Ceará: singularidade e contexto histórico”, in: Klaus Hermanns & Filomeno Moraes (orgs.), *Reforma do Estado e outros estudos*, Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004, p. 59-85.

⁶ Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 122.

⁷ Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Império*, 5ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks, vol. 1, 1997, p. 55.

ABU-EL-HAJ, Jawdat. “Conciliação e rompimentos políticos no Ceará”. *BACP*, nº 31, nov./2001 (<http://cevep.ufmg.br/bacp>).

BONFIM, Washington. *Qual mudança? Os empresários e a americanização do Ceará*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado apresentada ao IUPERJ, 1999.

_____. “Reforma do Estado e desenvolvimento econômico e social no Ceará: singularidade e contexto histórico”. In: HERMANNNS, Klaus & MORAES, Filomeno (orgs.). *Reforma do Estado e outros estudos*. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004, p. 59-85.

GIDDENS, Anthony. *A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia*. São Paulo: Record, 1999.

MORAES, Filomeno. “Ceará: o subsistema partidário e o retorno ao multipartidarismo”. In: LIMA JR., Olavo Brasil de. *O sistema partidário brasileiro: diversidade e tendências, 1982-94*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1997, p. 35-72.

_____. “A volta da competitividade eleitoral”. *BACP*, nº 20, jul./2000 (<http://cevep.ufmg.br/bacp>).

_____. “O juraciismo, ou como a história não terminou em Fortaleza”. *BACP*, nº 23, out./2000 (<http://cevep.ufmg.br/bacp>).

_____. “A produção legislativa da Assembléia do Ceará”. In: SANTOS, Fabiano. *O Poder Legislativo nos Estados: diversidade e convergência*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, p. 189-218.

_____. “Os resultados eleitorais no Ceará: competitividade, continuidade e mudança”. In: OBSERVANORDESTE – FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Eleições 2002: Continuidade e Mudança*. Recife-PE, Observa Nordeste - Fundação Joaquim Nabuco, 2003 (<http://www.fundaj.br/observanordeste>).

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, vol. 1, 1997.

SARTORI, Giovanni. *Partidos e sistemas partidários*. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. UnB, 1988.

Fontes de dados

TRE-CE – dados brutos.

Jornais *O Povo* (Fortaleza) e *Diário do Nordeste* (Fortaleza) / 2004.

Sítio: www.noolhar.com.br

FORTALEZA 2004
VEREADORES ELEITORES POR PARTIDO/COLIGAÇÃO E Nº DE VOTOS

VEREADOR	PARTIDO/COLIGAÇÃO	VOTOS
NELBA APARECIDA ARRAIS MAIA FORTALEZA	PMDB	15.562
CARLOS ALBERTO GOMES MESQUITA	PMDB	14.691
WALTER LIMA FROTA CAVALCANTE	PMDB	13.066
GELSON FERRAZ DE MEDEIROS	PL	12.363
JOSE CARLOS BESERRA DE CARVALHO	PMDB	12.285
ANTONIO AUGUSTO MOREIRA E SILVA	PSDB	12.212
TEREZINHA DE JESUS LIMA	PMDB	12.026
EDVANIA MATIAS FERREIRA	PTN/PRTB	11.590
ELIEZER MOREIRA DA SILVA	PFL	10.563
RAIMUNDO NONATO FERREIRA ARAUGÃO	PDT	10.554
ANTONIO HELDER COUTO BEZERRA	PMN	8.477
JOSÉ ADELMO MENDES MARTINS	PP	8.462
JORGE VIEIRA	PL	7.716
JOSE MARIA ARRUDA PONTES	PT	7.361
GLAUBER LACERDA SINDEAUX	FORTALEZA DE TODOS NÓS (PCdoB/PPS / PCB/PRONA)	7.092
JOSÉ ALRI RODRIGUES NOGUEIRA	POR AMOR A FORTALEZA (PSL/PSDC)	6.850
ELPIDIO NOGUEIRA MOREIRA	FORTALEZA DE TODOS NÓS (PCdoB/PPS/PCB/PPS/PCB/PRONA)	6.800
ANTONIO IDALMIR CARVALHO FEITOSA	PSDB	6.784
AGOSTINHO FREDERICO CARMO GOMES	SEMEANDO FORTALEZA (PHS/PTdoB)	6.573
ALUISIO SERGIO NOVAIS ELEUTÉRIO	PSB	6.066
JOÃO SALMITO FILHO	PT	5.886
FRANCISCO MANGUEIRA SOBRINHO	POR AMOR A FORTALEZA (PSL/ PSDC)	5.807
GUILHERME DE FIGUEREDO SAMPAIO	PT	5.333
MARIA DE FÁTIMA SANTANA ARRAIS LEITE	SEMEANDO FORTALEZA (PHS/PTdo B)	5.220
JOSÉ DO CARMO GONDIM	POR AMOR A FORTALEZA (PSL / PSDC)	4.902
TOMAZ HOLANDA DE LIMA	PV	4.812
CARLOS MAGNO BEZERRA SIDOU	PAN/PTC	4.491
JOSÉ ELSON DAMASCENO	SEMEANDO FORTALEZA (PHS/PTdoB)	4.230
FRANCISCO CARLOS DE SANTANA FERNANDES	PRP	3.559
REGINA CELY DINIZ ASSÊNCIO	PMDB	10.814
MARCUS SAVIUS TEIXEIRA SOUSA	PMDB	10.510

VEREADOR	PARTIDO/COLIGAÇÃO	VOTOS
MARCÍLIO CATUNDA FERREIRA GOMES	PP	8.437
ANTÔNIO DA SILVEIRA MACHADO NETO	PFL	8.322
JOSÉ IRAGUASSU TEIXEIRA	PDT	7.241
LUCIRAM GIRÃO SALES	PL	6.908
MARIO HELIO PORTELA REINALDO	PMN	5.809
LUIZ CARLOS ANDRADE MORAIS	FORTALEZA DE TODOS NÓS (PCdoB/PPS/ PCB/ PRONA)	5.679
JOÃO BATISTA GOMES DA SILVA	PAN/PTC	4.357
JOÃO DA CRUZ SILVA	PV	4.266
FRANCISCO RODRIGUES FILHO	POR AMOR A FORTALEZA (PSL / PSDC)	4.215
FRANCISCO WILLAME CORREIA DE LIMA	SEMEANDO FORTALEZA (PHS/PTdoB)	4.066

Fonte: TRE-CE